

PIBID Interdisciplinar Educação do Campo

discutindo interdisciplinaridade, educação do campo e ensino de história

Por Sandi Mumbach¹, Ane Carine Meurer²

Resumo

Objetivamos expor o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo PIBID subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo da UFSM na Escola Estadual de Ensino fundamental Arroio Grande, bem como analisar aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento do referido projeto: a interdisciplinaridade, a educação do campo e o ensino de história. O projeto tem atuado desde 2012 em escolas localizadas em área rural do município de Santa Maria –RS. Constituído por bolsistas das diversas licenciaturas, busca trabalhar os principais conceitos e desafios da educação do campo de forma interdisciplinar. Diante dos problemas e desafios encontrados ao longo do projeto o PIBID procurou trabalhar a História local como forma de valorização dos sujeitos do campo na Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande. Este trabalho tem gerado impactos positivos e tem evidenciado uma melhor formação dos acadêmicos de licenciatura envolvidos no projeto.

Palavras-chave: Educação do Campo, Interdisciplinaridade, Ensino de História, Professores.

Abstract

We aim to expose the work which has been developed by the PIBID, subproject Interdisciplinary Field Education from UFSM, at the State Elementary School Arroio Grande and to analyze aspects that are fundamental to the development of the mentioned project: interdisciplinarity, field education and the teaching of History. The project has been active since 2012 in schools located in rural area of the city of Santa Maria – RS. The project consists of scholar student of the diverse graduation course and it tries to work the main concepts and challenges of the field education in an interdisciplinary manner. In the face the problems and challenges encountered during the project, the PIBID searched to work the local History as a way of appreciation of the individuals of the field at the State Elementary School Arroio Grande. This work has generated positive impacts and has showed a better training of undergraduate students involved in the project.

Keywords: Field Education, Interdisciplinary, History Teaching, teacher training.

¹Acadêmica do Curso de História da UFSM, Bolsista PIBID Subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo

²Doutora em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, Professora associada da UFSM, Coordenadora do PIBID Subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo

Introdução

O PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –Subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo atua desde o ano de 2012 em duas escolas localizadas na área rural de Santa Maria – RS. São elas a Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, a primeira situada no distrito de Arroio Grande, e a segunda localizada no distrito da Palma.

O projeto conta com acadêmicos das diversas licenciaturas da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, trabalhando as questões principais da educação do campo pelo viés interdisciplinar. Participam do projeto acadêmicos da licenciatura em Geografia, História, Letras Portugêses, Artes, Matemática, Pedagogia e Educação Especial. Também participam duas professoras supervisoras, uma de cada escola, as quais orientam e intermediam o trabalho desenvolvido pelos bolsistas na escola, e a coordenadora do projeto que orienta no planejamento das atividades e no preparo teórico.

A proposta do subprojeto é conhecer a realidade em que a escola insere-se para então planejar e desenvolver atividades. Desta forma realiza-se primeiramente uma pesquisa socioantropológica, através de visitas e entrevistas os bolsistas buscam conhecer a realidade da comunidade escolar, dos professores e alunos. Após isto é construído o planejamento de atividades a serem desenvolvidas na escola, este é feito pelos bolsistas em conjunto com o grupo de professores e equipe diretiva. O planejamento das atividades leva em consideração a realidade da escola, o interesse dos educandos e as possibilidades e ideias trazidas pelos educadores.

Reuniões coletivas para planejamento e discussões teóricas acontecem semanalmente na universidade, oportunizando a troca de experiências e aprendizagens entre as escolas e os bolsistas. As discussões teóricas consistem em um espaço onde manifestam-se as opiniões e as experiências que cada área do conhecimento e de cada curso de licenciatura, as leituras e discussões em grupo enriquecem o debate e proporcionam reflexões bastante amplas. Além disto, através das experiências de cada bolsista pode-se conhecer a realidade dos cursos de licenciatura da universidade.

Através do projeto os acadêmicos vivenciam intensamente o cotidiano escolar, conhecem a rotina, o ambiente e a realidade da escola em que inserem-se. Estas vivências e experiências auxiliam em uma melhor formação dos acadêmicos, pois o PIBID oportuniza um contato e uma inserção na escola muito maior do que a experiência oport-

tunizada pelos estágios curriculares das diversas licenciaturas. Além disto, os acadêmicos deparam-se com estágios curriculares apenas no final da sua formação, enquanto que o PIBID proporciona um contato com a escola desde os primeiros semestres, possibilitando uma maior interligação entre os conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação com as vivências e práticas desenvolvidas na escola.

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), instituição mantenedora do programa, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID possui como objetivo principal:

[...] inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. (CAPES – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência)

Desta forma, de 2012 até o momento pode-se ressaltar que diversos licenciandos tiveram a oportunidade de participar do projeto ampliando o seu conhecimento e a sua formação, adquirindo prática e, acima de tudo, conhecendo a realidade das escolas públicas do campo. Além disto, as escolas que abriram espaço para os bolsistas desenvolverem seu trabalho também ganharam, pois os bolsistas planejaram e desenvolveram diversas atividades diferenciadas com alunos e professores, atividades estas que só foram possíveis com a presença dos bolsistas na escola.

O PIBID e as licenciaturas: discutindo a formação dos professores

Existem diversas críticas aos currículos dos cursos de graduação em licenciaturas, são muitos os problemas e os desafios na formação de professores. Muitos cursos priorizam as atividades de pesquisa em detrimento ao ensino e à extensão, muitos encontram dificuldades em aliar os conhecimentos teóricos específicos desenvolvidos na universidade com as práticas e os conhecimentos escolares. Enfim, existem diversos problemas, dificuldades e inúmeros desafios postos aos cursos de licenciatura. Mas

em comum, o que a maioria destes apresentam aos acadêmicos, é a realidade de um currículo que coloca o acadêmico em contato com as escolas apenas no final da formação, apenas nos estágios curriculares. Desta forma, muitos licenciandos acabam tomando um “choque de realidade” frente aos contextos que lhes são apresentados.

O PIBID surgiu desta forma, amenizando este grande problema. A possibilidade do contato desde o início da graduação com a realidade escolar oportuniza um grande amadurecimento do licenciando. Além disso, possibilita-lhe pensar e refletir a sua formação acadêmica e a estrutura do seu curso, tendo já conhecido a realidade da sua profissão e os desafios e os problemas que esta enfrenta. Permite ao acadêmico ambientar-se com a escola, e isso possibilita que ele tenha uma formação acadêmica já voltada para o exercício da sua profissão, e que reflita, já durante a sua formação, os desafios da sua profissão. Além disso, o auxílio financeiro concedido pelo programa permite que alunos com baixa renda possam manter-se financeiramente sem que necessitem trabalhar em turno inverso ao das aulas, ou até mesmo em prejuízo das atividades acadêmicas, diminuindo os índices de evasão dos cursos de licenciatura.

Desta forma ressaltamos a importância da existência do PIBID no universo acadêmico. Destacando a relevância de sua presença nos cursos de licenciatura, na ampliação das discussões sobre ensino, nas contribuições que as escolas atingidas pelo projeto têm recebido e, principalmente, na melhoria da formação de professores que o projeto tem evidenciado.

O desafio da Interdisciplinaridade

O trabalho interdisciplinar constitui-se em um grande desafio. Os cursos de graduação são extremamente fechados e isolados em seus conhecimentos específicos, dificilmente estabelecendo diálogo com as outras áreas do conhecimento. Portanto nossa formação acadêmica é extremamente restrita, a consequência disto é que no momento em que formos educadores reproduziremos esta mesma prática, mantendo-nos isolados, não estabelecendo diálogo com as outras áreas do conhecimento.

Este problema reflete na escola, no momento em que professores não conseguem interligar os conteúdos e os conhecimentos, e não se permitem estabelecer diálogos com os colegas e com as outras áreas do conhecimento. Compreendemos que interligando os conteúdos trazendo o que cada área do conhecimento tem a agregar sobre o assunto, este fará mais sentido ao aluno, facilitará a compre-

ensão e a aplicabilidade. No mundo em que vivemos tudo está interligado, não encontramos os conhecimentos fechados ou isolados. Um fenômeno pode ser explicado de diferentes maneiras pela química, pela matemática, pela física e pela geografia, portanto não faz sentido pensar cada disciplina isoladamente.

Na realidade e no cotidiano do aluno tudo está misturado, tudo está acontecendo ao mesmo tempo. Portanto, compreendemos que é preciso repensar nossas práticas quanto educadores. É preciso pensar na aplicabilidade do conteúdo, em como fazer este ter sentido, ter relevância a vida do educando. Mais do que isso é preciso trazer os conhecimentos dos próprios alunos, o senso comum, o cotidiano para dentro da sala de aula, interligando-o ao conhecimento científico, como nos mostra FAZENDA, 1991:

O que queremos dizer é que o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma exaustiva. Tenta, pois o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas. Assim, por exemplo, confere validade ao conhecimento do senso comum, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliado pelo diálogo com o conhecimento científico, o senso comum tende a uma dimensão, ainda que utópica, capaz de enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo. (FAZENDA, 1991. p.15)

Além disso diante do desenvolvimento tecnológico do momento em que vivemos e da quantidade de informações e de meios eletrônicos a que as crianças e jovens possuem acesso atualmente, não faz sentido continuarmos reproduzindo os conteúdos isolados em suas “caixinhas”. No mundo tudo está conectado e interligado, por isso devemos repensar nossas práticas e buscar formas de o conteúdo ter significado para o educando, e não apenas despejar informações sobre o aluno.

Em se tratando de ensino, por exemplo, sabemos que os currículos das disciplinas tradicionais, da forma como vem sendo desenvolvidos, oferecem ao aluno apenas um acúmulo de informações pouco ou nada relevantes para sua vida profissional, principalmente por que o desenvolvimento tecnológico atual é de tal diversidade que se torna impossível processar, com a velocidade adequada, a esperada sistematização que a escola requer. (FAZENDA, 1991, p. 15)

Os professores não conseguem desenvolver a interdisciplinaridade, pois a sua formação foi disciplinar e fechada. A interdisciplinaridade é um conceito que se apresenta à formação de professores, que necessita ser compreendido e trabalhado rotineiramente, o PIBID tem se proposto a isto, e tem tentado trazer esta discussão para os cursos de licenciatura e para a escola. Ao longo de três anos de atuação tem realizado diversas leituras e discussões pro-

curando compreender o tema e aplicá-lo nas práticas desenvolvidas nas escolas. A realidade é que por vezes o trabalho interdisciplinar alcança os objetivos propostos e outras vezes não é possível alcançar todos os objetivos, esbarrando em diversas dificuldades e obstáculos.

Compreendemos que a interdisciplinaridade pressupõe, em primeiro lugar, um intenso diálogo, é através da conversa e da troca que iremos nos conhecer, conhecer nossas práticas e permitir pensar as possibilidades de um trabalho coletivo. A interdisciplinaridade pressupõe coletividade e diálogo. O PIBID subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo proporciona este espaço de diálogo e de troca através das reuniões de estudos que acontecem semanalmente na universidade. Estas reuniões constituem-se em um espaço de discussão teórica, compartilhamento de práticas e planejamento de ações. É neste espaço que compreendemos ocorrer o diálogo que nos possibilite o pensar coletivo, a construção da interdisciplinaridade.

O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício de pensar, num construir. A solidão dessa insegurança individual que vinca o pensar interdisciplinar pode transmutar-se na troca, no diálogo, no aceitar o pensamento do outro. Exige a passagem da subjetividade para a intersubjetividade. (FAZENDA, 1991. P. 18)

Compreendemos que interdisciplinaridade é um desafio, e que os cursos de licenciatura têm buscado aos poucos inserir esta discussão em sua formação. Buscar compreender a interdisciplinaridade e aplicá-la tem sido um dos objetivos do subprojeto durante todos os seus anos de atuação. Destacamos que nem sempre foi obtido sucesso no planejamento e realização de práticas interdisciplinares, mas mesmo quando não obtivemos êxito sabemos que estamos adquirindo experiência e conhecimento para aplicar em práticas futuras. Acreditamos que não existe receita pronta que ensine a fazer um trabalho interdisciplinar, existe sim um esforço que busca compreender este conceito e trazê-lo para as nossas práticas, melhorando-as e enriquecendo-as. Cada tentativa, tendo sucesso ou não proporciona crescimento, conhecimento e experiência.

Os desafios da Educação do campo e a importância de discuti-la nas licenciaturas

Conforme Roseli Caldart (2002), em 1997, no primeiro encontro Nacional dos educadores e educadoras da Reforma Agrária (ENERA), realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, levantou-se uma série de questões sobre a educação no meio rural brasileiro. Era a primeira vez que se discutia de forma ampla a educação no espaço rural brasileiro.

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (CALDART, 2002, p. 260)

Segundo a autora nas discussões de preparação do documento base da I Conferência concluído em 1998 explicita-se o contraponto que se pretende fazer com a chamada educação rural. Passa-se a utilizar a expressão campo e não mais meio rural, com o objetivo de incluir as lutas sociais e culturais dos camponeses.

Roseli Caldart define este movimento que vem buscando discutir e pensar alternativas para a educação do campo no país:

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (CALDART, 2002 p.18)

O PIBID Subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo foi o primeiro subprojeto a levar a discussão da Educação do Campo para as licenciaturas da UFSM. Até então pouquíssimos cursos apresentavam alguma discussão sobre o assunto ao longo da sua grade curricular, o que evidencia um currículo urbanocêntrico na formação dos licenciandos da universidade.

Esta constatação preocupa, visto que segundo dados do Censo escolar de 2013 são 5.970.541 matrículas localizadas em escolas de área rural no país. Frente ao fato de que são mais de cinco milhões de alunos estudando em escolas de área rural no país, nos deparamos com alguns questionamentos como: Quais são as especificidades e as necessidades destes educandos? Os educadores estão preparados para atender estas populações? Os cursos de formação de professores preparam para esta realidade?

Ao compreendermos que as populações das áreas rurais têm direito a uma educação pensada “desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”, precisamos analisar se o educador que vai atender a essa demanda, durante a sua formação, conheceu e refletiu as especificidades da Educação do Campo. Se o educador que vai atuar na escola do campo está preparado para a realidade que vai enfrentar.

Compreendemos é preciso pensar e refletir sobre a formação do educador que vai atender as escolas do campo, que necessitamos incluir esta discussão imediatamente nos cursos de licenciatura. Desta forma o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo PIBID Interdisciplinar Educação do Campo é colocar os licenciandos em contato com a realidade das escolas do campo, mas também o de conscientizar os acadêmicos e de levar esta discussão a todos os cursos de licenciatura da universidade. Buscamos sempre debater e refletir a realidade das escolas em que estamos inseridos, buscando encontrar soluções e alternativas viáveis aos desafios que se colocam.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande, localiza-se em área rural do município de Santa Maria, atendem a alunos do campo, porém os professores são, em sua maioria, urbanos, e suas práticas são as mesmas de professores de escolas urbanas. Estes professores não receberam nenhuma formação para atuar em escolas do campo, e a maioria deles não reflete ou se dá conta da realidade em que está inserido. Esta é um cenário muito comum em escolas do campo.

Temos consciência que esta realidade não se modificará da noite para o dia, e que o projeto não tem a capacidade de fazê-lo. Porém a atuação do PIBID tem levado para estas escolas diversas reflexões, e tem feito com que os professores analisem e reflitam sobre suas práticas. Tem tentado focar a realidade deste aluno do campo e trazê-la para dentro da sala de aula de diversas formas.

A educação é um direito social e uma política de educação do campo requer o conhecimento de que o meio urbano não é superior ao meio rural. Com essa compreensão, impor novas relações baseadas na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade é primordial. O campo

é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso. (SILVA, 2009. p 206)

No ano de 2013 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande deparamo-nos com a realidade de a maioria dos professores serem urbanos e não conhecerem a realidade dos alunos. Diante desta realidade o PIBID promoveu uma saída de Campo com os bolsistas e todos os professores da escola, conhecendo todas as comunidades, e até mesmo visitando a residência de alguns alunos. Após esta atividade pode-se perceber, em diálogos com os professores, o quanto foi significativo para eles conhecer mais sobre a realidade de seus alunos. Chamou bastante atenção dos professores as dificuldades que seus alunos encontravam para ir para a escola, a importância da agricultura para a subsistência das famílias, a diversidade e riqueza histórica e cultural da região. Além disto, foi possível que os professores conhecessem toda a realidade da estrutura física encontrada nas comunidades, água, luz, saneamento, estradas.

Este trabalho de conhecer a realidade do aluno gera reflexões ao educador. Compreendendo a realidade e as dificuldades que seus alunos enfrentam o professor passa a compreender, muitas vezes, o comportamento e as atitudes dos seus alunos. E principalmente o professor passa analisar as suas práticas, refletir a relevância e a importância do que está ensinando para a vida do aluno.

Por isso, o professor e a professora devem refletir sobre o modo de vida de cada comunidade para compreender melhor a realidade em que está inserida, incluir os saberes dominados por estas comunidades e promover o consenso entre o saber popular e o saber científico. Esta atitude consciente de valorização do outro contribui significativamente para a instauração e construção de um processo democrático liderado pela escola. (FARIA, 1984, p. 103)

Nas práticas desenvolvidas pelo projeto buscamos sempre aliar o conhecimento científico com a realidade dos alunos. Buscando conhecer a história, a cultura e os saberes dos educandos e da sua comunidade, incorporando-as, sempre que possível em nossas práticas.

Desse modo é importante que a escolaridade rural tenha como objetivo principal proporcionar conhecimentos, cidadania e continuidade cultural. No meio rural, os responsáveis pela educação escolar deparam-se com as mais diversificadas formas de processos produtivos, culturas heterogêneas, clientela diferentes das que estão acostumadas na cidade, com valores e aspirações próprios. É preciso romper com a ideia preconceituosa de que o meio rural é um espaço atrasado, de ignorância, sem cultura, sem vida, sem identidade. Nessas circunstâncias, mais do que fazer um “remendo” é preciso humanizar e legitimizar

as dimensões políticas e pedagógicas da educação básica do meio rural. (SILVA, 2009)

Paulo Freire constitui-se em um dos principais teóricos que têm norteado nosso trabalho, o autor destacou a importância em reconhecer os saberes, a cultura e os conhecimentos dos educandos, partindo da realidade destes para a construção do conhecimento.

Trabalhando a história do lugar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande

Através da pesquisa socioantropológica realizada pelo projeto constatou-se que realidade dos jovens que são atendidos pelo PIBID Interdisciplinar Educação do Campo na comunidade de Arroio Grande é a mesma realidade de milhares de jovens no país, que diante das dificuldades enfrentadas pela família no meio rural almejam abandonar o campo em busca de perspectivas melhores no meio urbano.

“No Brasil, segundo os dados do Censo 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010), temos cerca de 8 milhões de jovens morando em regiões rurais. Diversos estudos, no Brasil e em outros países, apontam para a tendência da saída, nos dias atuais, de jovens do campo rumo às cidades.”(CASTRO, 2012 p. 442).

O trabalho do PIBID Interdisciplinar em Educação do Campo tem-se constituído em um movimento que busca reverter estes dados, procurando em suas práticas a valorização dos sujeitos do campo, levando para dentro da escola a realidade e os saberes destes alunos. Buscamos sempre em nossas práticas trabalhar com a cultura, as tradições e seus saberes do lugar, melhorando a autoestima dos educandos e reforçando os vínculos dos jovens com a sua comunidade, até mesmo modificando a visão destes sobre sua comunidade.

A realidade encontrada pelo PIBID ao chegar nesta comunidade no ano de 2012 foi de uma comunidade que possuía uma visão muito pejorativa de si própria e da sua localidade. A maioria das pessoas descrevia e ressaltava os aspectos negativos da comunidade, idealizando sempre o urbano, e afirmando ser a cidade a solução dos problemas e a esperança de uma vida melhor para os filhos.

Sabemos que as cidades, assim como o campo, possuem diversos problemas, podemos citar a violência, a po-

luição, o desemprego. Mas as pessoas que vivem uma realidade difícil no campo geralmente esquecem de analisar estes fatos e idealizam o urbano, sem maiores reflexões. A consequência disso é que, muitas vezes, acabam abandonando o campo para tentar um futuro melhor nas cidades. Ao chegar aos centros urbanos acabam por engrossar a massa da população periférica e desempregada.

Diante disso temos realizado um esforço para trabalhar com os aspectos do lugar, principalmente a história local, valorizando a cultura, os saberes e as tradições da comunidade de Arroio Grande. Pois acreditamos que a partir do momento em que o educando conhece e compreende a sua história, a trajetória da sua comunidade e da sua família ele passa a sentir-se integrante da história do seu lugar, passa valorizar o seu local e as pessoas que vivem nele. Ele passa a sentir-se sujeito da sua história, parte integrante e fundamental desta comunidade. Sua autoestima melhora, e a visão deste aluno que antes era negativa com relação ao seu lugar, passa a ser reflexiva. Desta forma temos trabalhado a história local de diversas formas, buscando a valorização da comunidade de Arroio Grande, da melhora da autoestima dos educandos, e para que estes possam compreender-se como sujeitos da história.

É preciso ressaltar que para desenvolver o trabalho com a história local foi necessária muita pesquisa bibliográfica, entrevistas com moradores locais e uma intensa busca por fotografias e imagens antigas da localidade. Desta forma diversas atividades foram realizadas com o objetivo de trabalhar a história local ao longo de três anos de trabalho como a Caixa de História, A História dos Sinos, Entrevista com os Avós, a História da Escola. Estas atividades foram realizadas com alunos de 1º a 9º ano. Destacamos que, com alunos das séries iniciais do ensino fundamental a metodologia de trabalho era diferenciada e contava sempre com o apoio, tanto no planejamento, quanto no desenvolvimento da atividade por bolsistas do projeto, acadêmicos dos cursos de pedagogia e educação especial e as educadoras das turmas.

Acreditamos que é fundamental a disciplina de história trabalhar a história local em uma escola do campo, por ser o campo um local que é historicamente desvalorizado com relação ao urbano. Continuar ignorando a história destes sujeitos implica em contribuir para reforçar esta realidade excludente.

A escola representa um instrumento de transformação dessa realidade excludente, para isso o professor e a professora devem assumir a condição de educadores e educadoras comprometidos com a nova proposta que os movimentos sociais, em especial o movimento do campo, apresentam à sociedade. (BORGES, 2007, p. 105)

Desta forma trabalhamos com a recuperação e a valorização da história local como forma de incentivar nos alunos e na comunidade escolar a valorização da história, da cultura e dos hábitos locais. Pois acreditamos que conhecendo a história do seu próprio lugar o aluno passa a compreender-se também como sujeito histórico deste, e passa a valorizar a cultura, as tradições e os saberes da sua comunidade, passando a atuar em seu meio, refletir sobre ele e transformá-lo.

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implicitamente ou explicitamente, nas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 1987)

A disciplina de história nas escolas trabalha desde a pré-história, até os dias atuais, porém o que a história tradicional perpetuou é a história europeia, é esta que vemos em destaque na idade antiga, na idade média, na idade moderna e na contemporânea. Não estamos aqui renegando a importância desta, mas é preciso pensar na consequência disto para a vida dos educandos, que estudam durante toda a sua vida escolar a história de outros lugares e não a história do seu lugar.

Acreditamos que é imprescindível conhecer todos os períodos da história, mesmo que esta seja eurocêntrica, é preciso sim conhecê-la para compreendermos as configurações do mundo atual. Mas é preciso também que o professor possibilite ao aluno trabalhar a história do seu lugar e proporcionar embasamento para que o aluno estabeleça conexões entre a história local e geral. É preciso desmistificar estas construções, possibilitando ao aluno a compreensão de que todos somos sujeitos da história.

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (BITTENCOURT, 2004, p. 168)

A sociedade em que vivemos valoriza a vida urbanizada, inserida nos meios tecnológicos e permeada pelos valores de consumo. Para esta sociedade, na qual nos inserimos o campo significa atraso, o trabalhador do campo é visto com preconceito. Não podemos permitir que estes valores se reproduzam em uma escola do campo. É necessário quebrar estes “rótulos” e preconceitos, buscando a valorização destes sujeitos.

O campo não é atraso, é história de vida. A escola do campo deve ser pensada para que seja viva, ela deve

ser construída por sua comunidade, pensada para ajudar no processo de desenvolvimento social, para manter a cultura, a raiz e a história daquele lugar. Essa escola deve formar sujeitos participantes e capazes de construir seu próprio caminho, buscando seus direitos e lutando para serem cidadãos do campo. (MATOS, 2010, p. 33)

Compreendemos a importância em relacionar o saber escolar com as experiências dos educandos, para que o saber científico contribua em suas práticas cotidianas. Trazer a realidade dos educandos para dentro da sala de aula, respeitar as diferenças e as especificidades que as populações do campo possuem, respeitando a sua cultura, os seus saberes e as suas tradições. Buscar formas de fazer o conhecimento científico ter relevância em suas vidas, em seu cotidiano.

Acreditamos que o professor de história possui um papel muito importante na escola do campo, e que o seu trabalho possui um caráter social neste meio, sendo responsável pela conscientização e pela valorização dos educandos quanto a sujeitos históricos. Sujeitos conscientes de sua realidade, questionadores e reflexivos.

Considerações finais

Buscamos, através deste artigo, destacar a importância do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo PIBID subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria na Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande. Destacamos a importância em aprofundar as discussões sobre interdisciplinaridade e educação do campo nos cursos de licenciatura, e a importância em discutir a formação de professores.

Evidencia-se a importância do ensino de história neste contexto. E a escolha em trabalhar a história local como forma encontrada para a valorização e melhora da autoestima dos educandos e da comunidade escolar em questão. Compreendendo a importância em trabalhar a valorização da história, da cultura e dos saberes de uma comunidade do campo.

Como já mencionamos o trabalho desenvolvido pelo projeto tem gerado consequências positivas, para a escola inserida no projeto, e principalmente para os licenciandos participantes do mesmo, pela oportunidade em ampliar seus conhecimentos, adquirir prática e ampliar a sua formação como educador. Como também tem buscado trazer reflexões acerca da educação do campo para dentro das licenciaturas da universidade.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. 2004

BORGES, Heloísa da Silva. **Educação do Campo como processo de luta por uma sociedade justa**. In: GHEDIN, Evandro. BORGES, Heloisa da Silva. **Educação do Campo: A epistemologia de um horizonte de formação**. Manaus: UEA. 2007

CALDART, Roseli Salete. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo; Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. IN: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. (org.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.º 4.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude do Campo**. Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, et al. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

FAZENDA, Ivani Catarina A. **A interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. Edições Loyolas. São Paulo, 1991.

FUNDAÇÃO CAPES MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pibid - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 03/08/2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico.** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : O Instituto, 2014. 39 p. : tab.

SILVA, Astrogildo Fernandes Junior. **O Ensino de História no Meio Rural: Olhares e práticas.** IN: FONSECA, Selma Guimarães. Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas. Campinas, SP. Editora Alínea, 2009.

WIZINIEWSKY, Carmem Rejane Flores. **A contribuição da geografia na construção da educação do campo.** In: MATOS, Kelma Socorro Alvez Lopes. WIZINIEWSKY, Carmem Rejane Flores, et al. Experiências e Diálogos em educação do campo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.